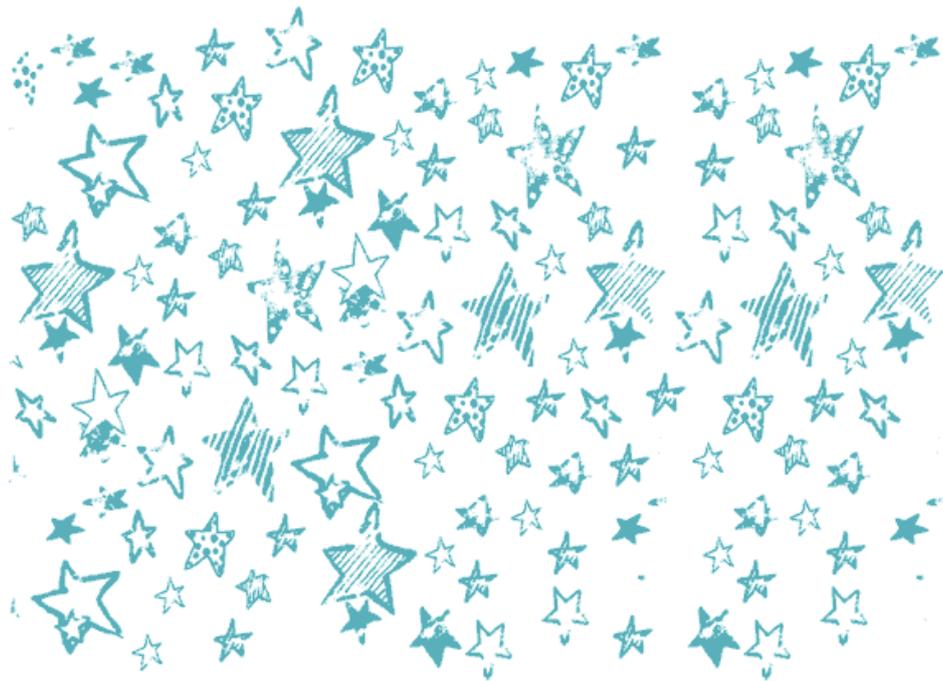


Antologia de L3n4



Apresentado por

Meu Lado Poético 

resumo

Carta de amor ao Amor

A pintura do parasita

Asas feitas de lata

Caminho da dor

Fantasma da saudade

Carta de amor ao Amor

Que dor sinto peito sempre que penso em ti, Amor.

É uma dor dormente, uma pontada por afiar, uma facada seca que trespassa todos os meus outros sentimentos, que tira de mim o sentido de qualquer outra coisa.

A dada altura deixei de saber o teu nome, deixei de conhecer os teus traços, já não te reconheço nos olhos de ninguém.

Amor, meu amor, que te perdi sem nunca te ter tido, que sonhei tanto contigo sem nunca te ter conhecido. Por momentos, vi-me de frente com a realidade, sem te ver, perguntando-me a mim mesma se tu sequer existes ou se tudo aquilo que passámos é fruto da minha imaginação fértil.

Quero-te, Amor.

Quero saber o quão manchado fica o meu coração depois de passares por ele. Sinto que nunca te encontrarei, pois nem posso dizer com certeza se existes. Tornaste-te na maior lenda urbana da minha vida, na maior mentira e na única verdade em que acredito, tornaste-te em nada mesmo que sempre tivesses sido tudo, Amor.

Não sei do teu paradeiro e isso desespera-me.

Desespera-me a tua ausência, a tua inconstância, a maneira como só parece existir dentro das janelas da minha alma, pois inevitavelmente sempre te procurei fora de mim, mesmo que já me fosses intrínseco.

Sempre achei que o tamanho que ocupas dentro do meu peito não fosse suficiente, que talvez quisesse transbordar e escorrer por mim abaixo, pelas minhas mãos, pelas minhas costas, pernas, pelo meu cabelo, que talvez quisesse inundar o mundo através dos meus olhos e das minhas palavras. Porém, como tudo, fora de mim apodreceste e mal tocaste no chão tornaste-te em veneno. Fizeste com que todas as flores perto do meu ser morressem, que todas as formas de vida se contorcessem em agonia e em rejeição, como se tu fosses um agente estranho incapaz de ser absorvido pelos seus corpos efémeros.

Talvez eles não te conheçam da mesma maneira que eu, Amor.

Talvez eles não saibam que tu és a cura, o profeta e o caminho, tu és Pai, Filho e Espírito Santo, és a luz, a penumbra e a escuridão, o vácuo e a matéria.

Tu és tudo, Amor.

És um sentimento inexplicável de conexão entre almas. E por ti, Amor, eu sou capaz de qualquer coisa.

Sou capaz de esperar por ti, pelo dia em que, ao reconhecer-te nos olhos de outra pessoa, permita que me infetes e tomes conta de todo o meu corpo e espírito como se fosses uma febre, uma doença incurável e que habites dentro de mim para sempre. Espero que essa doce infecção nunca abandone a banda que toca o ritmo do meu peito, que seja algo eterno e que tu, Amor, vivas perpetuamente no meu frágil âmago, dois dedos abaixo do meu mediastino.

Eu amo-te.

Um dia, quando eu partir, abandona as minhas entranhas e espalha-te pelo mundo. Farei um esforço para viver por ti, para que possas transbordar após a minha morte e não envenenes o mundo. Tentarei deixar-te maduro enquanto por aqui andar, para que sejas capaz de viver fora de mim sem ferir ninguém, mesmo quando eu for apenas uma memória perdida no álbum de fotos de

alguém, e que vivas eternamente dentro de cada pequena unidade celular em cada um deles, cada um que eu carinhosamente amei.

Amor, sê forte.

Vivemos períodos negros em que ninguém te leva no bolso quando sai de casa de manhã, ninguém cuida de ti, ninguém te dá valor. Ainda virá um mundo em que quem manda és tu, Amor. Serás o rei deles tal qual és o meu. Serás a palavra e a força de Deus, pois tu próprio o és.

Sê forte.

Talvez, e só talvez, um dia sejas grande e forte o suficiente para transcenderes o plano intangível das palavras e te tornes tão palpável e sufocante como um abraço, abraço esse que envolverá o mundo no espaço que existe entre eu e os outros e jamais o soltará, mantendo-o preso numa espiral asfixiante da tua essência.

A pintura do parasita

Está dentro do meu peito.

Eu consigo sentir algo mexer cá dentro, de mãos dadas com o meu Coração, sentado à sua direita, sussurrando à sua esquerda e vibrando por todos os lados.

Eu sinto. Não sei o que é, mas sinto-o, como um parasita...

É um sentimento de grande confusão, de grande conflito. E o mais revoltante é a sua futilidade, o facto de não existir nada fora de mim que me abale da mesma maneira que este enxame interno me abala.

Não consigo pintar o retrato desta emoção com as minhas palavras, mas posso tentar.

Este retrato teria de ser pintado com o meu sangue, todas as sombras teriam de ser feitas de lágrimas, todos os detalhes esboçados pelos dedos que correm pela minha face e me limpam os borrões dos olhos. Seria um retrato com quatro cantos, delimitados pelos meus próprios limites físicos, mas que assim como pinturas tradicionais, excederia essas limitações tangíveis e invadiria o ambiente que o acolhesse, me invadiria a mim e esbateria as cores que pintam o meu mundo.

Se este sentimento fosse uma obra de arte, seria uma enorme tela cheia de nada.

Eu tenho tudo.

Mas, se eu tenho tudo, porque é que este parasita maligno e irrequieto não pára de cantar cantigas e romances ao meu Coração? Não se cala, tagarela!

Ao entrar no museu do meu ser, na exposição aberta de todas as minhas emoções, eu olho para a tela vazia, branca e incompreensível e deixo-me levar pelos questionamentos, pelas perguntas.

"Por que é que esta obra aqui está? Qual o seu sentido e qual o motivo da aura pesada que me suga para dentro dela?"

De repente, a zona em volta desta exposição artística ficou silenciosa, todas as pessoas foram embora, deixando-me a sós, eu e a tela perturbadoramente branca. Todas as portas se fecharam, todas as janelas opacas e seladas, todas as luzes apagadas, um único holofote apontava para aquela imensidão branca sem sentido.

Eu estava só.

Foi aí que ouvi a voz do Parasita Trovador, que cantarolava e estremecia com a sua voz e com as suas cantigas de amor as paredes do museu, me estremecia a mim e a todos os meus órgãos. Ele silenciou-se, parou ao meu lado, colocou uma das suas mãos peganhentas no meu ombro e revelou ser o autor daquela fétida pintura incompreensível pela luz dos meus olhos. Aí, eu entendi.

A pintura já era real, mas não era da minha autoria, mesmo dentro do *meu* museu, eu não precisei de pensar nela, não precisei de a pintar. Ela foi pintada diretamente pelas mãos sebosas deste parasita irritante, este verme que me causa este sentimento sem sentido algum.

Finalmente, fui capaz de compreender a origem do meu vazio.

Não passa daquilo que me torna humana.

Nem todos os dias se pode sorrir. Nem todos os dias posso imitar o bichinho que vive no meu peito e sair por aí a cantarolar, a espumar de alegria pelos cantos da boca.

Há dias em que tudo o que me apetece é sentir o meu lado mais humano, menos celestial, sentir a realidade a empurrar-me para uma queda livre e sentir as injustiças e as insuficiências da vida.

Viver não é o mesmo que nadar num mar sem ondas, é estar perdido na sua imensidão azul de desconhecimento e medos constantes, racionais e irracionais.

Este quadro pendurado na minha exposição não foi pintado pelas minhas mãos, não foi uma escolha minha pendurá-lo aqui. Teve de ser.

Por isso, mesmo que seja impossível estar sempre satisfeita, mesmo que seja impossível esconder os defeitos da minha humanidade, mesmo que eu não consiga compreender este género de arte, a arte do vazio e da ausência da justificação, eu tenho de conviver com ela, deixá-la escorregar goela abaixo. Talvez, se eu for capaz de aceitar estas pinturas, talvez se eu as tentar interpretar e se eu deixar de ter medo de olhar para elas, talvez as outras pessoas também sejam capazes de parar, olhar para elas e tal como eu, fazer um esforço para as entender.

Por detrás da confusão e inconstância do desconhecido, está a paz.

Asas feitas de lata

As pessoas esperavam de mim outro tipo de reciprocidade.

Talvez estivessem à espera que eu servisse os seus maiores desejos em travessas de ouro, quando eu só sei servir o meu próprio sangue em terrinas de prata.

Eu sou uma pessoa real, feita de latão, enferrujada pela oxidação das minhas próprias lágrimas.

Os meus órgãos são viscerais, como os de toda a gente, tenho medos, tenho sonhos, tenho crenças, amores e ódios, como todos os outros. Eu sou uma mulher translúcida, de água, não posso fingir que sou feita de cristal. Deixei de forçar o meu corpo a caber nas formas de gelo a que queriam que eu me adaptasse.

Sou peculiar, sou irritante, sou embirrente.

As pessoas confundem a maciez e textura tenra da minha carne sangrável com a textura moldável da plasticina.

Criei esta imagem de Homem de lata que é feito de ferro, este pedaço oco de positividade.

Preguei aos Céus, convicta de que era um anjo.

Estranham quando ferve num deserto sem água, quando explodo sem pólvora, quando sou a cólera disfarçada de gente.

"Mas, como pode um anjo viver entre a gente disfarçado de revolta?"

Caminho da dor

Por tanto tempo julguei, com fé e temor,
Que Deus me lançou neste trilho tramado,
Por um propósito maior, um destino de amor,
Um desvio sofrido, nas estrelas marcado.
Definhei devagar, na sombra me refiz,
Nas cinzas do que restou de quem era,
Perdi os amigos, a mim por um triz.
Reconstruí-me do pó, da dor persistente,
Refiz carne e espírito, pedaço a pedaço,
O começo foi duro, mas o meio, inclemente,
Cada pedra cortava, cada chama era um laço.
Fiz amigos que o tempo levou com o vento,
Amei sem retorno, num eco vazio,
Aprendi que não sou mais que um momento,
Num mundo imenso, de dor e desvio.
Tinha-o a ele, e a Ele também,
Dois rostos distintos, um só fervor,
Um amor terreno, um divino, porém,
O primeiro distante, o segundo tão curador.
Por três anos amei, como quem ama na luz,
Como o Sol à Lua, na sua dança infinita,
Troquei a minha alegria pelo seu calor,
Fui chama por ele, a sua favorita.
Sofri como quem vive a própria ruína,
Fui sombra de mim, cadela fiel,
Rastejei por amor, dor tão assassina,
Enquanto ele pintava o meu sonho sem pincel.
Hoje já não o amo, mas ainda dói,
Não por desejo ou ciúme sentido,
Mas pela mágoa que em mim se constrói,
Do que fiz ao meu ser, tão perdido.
Deus, no Seu plano, deu-me o sofrer,
Para que cortasse os pés nas pedras da estrada,

Aprendi o que é amar, a entrega, o perder,
Mas aguardo quem me ensine sinónimo de amada.

Fantasma da saudade

Cada vez mais me agrada a ideia de ser
O fantasma que te assombra, sem querer,
Recordando-te, a cada dia, a dor pelo que perdeste,
Aquela perda que na tua alma ainda persiste.
Deixei para trás a ideia de ser teu sinal,
Esqueci a loucura que bordava o teu nome fatal.
Talvez seja vil, mas em mim nasce o prazer,
Ver-te atormentado pela saudade daquilo que deixaste de ter,
Embora tu me tenhas morto primeiro, de forma fria,
Escolhendo-me como presa, sem sequer um rasgo de alegria.
As semelhanças entre nós, agora, vejo claramente,
Primeiro, o nome dela, depois, o amor ausente,
Vês-me em livros que ela também leu,
E cada página te tortura, com o que era teu.
A música que juraste amar, o nome de uma filha,
Era dela, e o futuro que desenhavas naquela trilha
E eu, tola, acreditava no que não passava de ilusão,
Substituta que era, para acalmar tua solidão.
Talvez seja isso que justifique a mentira,
A guerra entre o norte e o que tu chamaste de vida,
Agora, vejo com prazer e dor,
Que assombrar-te é uma vingança, meu amor.
Agora, sou o reflexo do que em ti existia,
Um espelho partido, nas promessas vazias,
E tu, perdido, tentando reviver,
Aquilo que nunca foi meu, mas que me fizeste sofrer.